



**DEUS DA CHUVA E DA MORTE**

Jorge Mautner

(1962)

**ã**  
*azogue editorial*



*“As brincadeiras eram múltiplas que nem os raios de sol e eram sinceras.*

*Havia até uma certa paixão nestas brincadeiras. Uma infantilidade virgem e vigorosa e que era triste que nem as realidades futuras o seriam”.*

## INTRODUÇÃO

Ela era filha de gente exaltada e que bebia fogo. Os pais e a família dela eram fortes e unidos e profundos. Profundos na grandeza de seu olhar, profundos no amor e profundos na guerra. Eles sabiam odiar e cantar e chorar com sinceridade. Eles eram patéticos mas eram gloriosos. Eles eram que nem troncos de velhas e novas árvores escuras dentro de uma floresta de plantas e musgos também escuros. As plantas e os musgos eram o ambiente e os troncos velhos e novos eram eles. Cada folha da floresta, cada planta, cada musgo era uma parte do todo e os troncos eram eles, os antepassados e pais gloriosos dela que só podiam ter vivido nesta floresta porque cada folha, cada planta, cada musgo também era parte deles como eles eram parte de tudo.

Eles conheciam a amargura e canções tristonhas. Eles se reuniam para cantar ao redor da fogueira e choravam como crianças quando cantavam as canções que eram para chorar. Havia algumas canções alegres. Mas a maioria era tristonha. Eles tinham os nervos à flor da pele. Tinham olhos negros e cabelos negros e compridos e a pele dura e forte. Andavam a cavalo pelas florestas escuras e cheias de musgo e adoravam o amor. O amor para eles era tudo. Os homens amavam as florestas escuras, o céu e os pássaros, a poesia e o cavalo, sua terra e a mulher amada. A brutalidade estava sempre pronta a desabar sobre eles e era isto que constituía o prazer daquela vida. O trovão e as rochas são poderosos mas a brutalidade pode muito mais porque é humana. Mas em meio a tudo isto a mãe

dela era suave e delicada e era uma verdadeira mãe. A mãe dela tratava todos muito bem e tinha amor aos filhos e ao marido. Mas um amor muito grande. (Ela mais tarde vai falar da mãe com muita vontade de chorar e dizendo: — “Minha mãe tinha tranças negras e era alta e linda. Eu não sei cozinhar tão bem que nem ela. Ela e o meu pai foram as melhores criaturas deste mundo. Quando meu pai ficava nervoso e queria bater em nós minha mãe o acalmava. Quando nós fazíamos má-criações ela nos perdoava mas era severa e nos castigava quando as má-criações se repetiam. Eles morreram.”)

Ela gostava de brincar com os irmãos que eram todos mais velhos que ela. Ela gostava daquilo. Ela gostava da terra! Ela gostava dos cavalos e da escuridão das florestas e do amor. Ela amava toda a família. Ela se lembrará por toda a vida das canções que ouviu e lendas que imaginou. Ela gostava de imaginar lendas bem simples. Por exemplo: ela via um cavalo negro beber água no riacho e uma folha se deslocar de uma árvore levada pelo vento e se grudar no corpo do cavalo. Então ela pensava: “O cavalo não tem roupa e Deus ficou com pena e mandou fazer uma roupa para ele. Mas o diabo é malvado e fez encolher a roupa e ficar do tamanho de uma folha e do formato de uma folha”.

Ele sacudia os cabelos negros e ria. Os irmãos lhe gritavam: — “Venha irmãzinha! Vamos montar a cavalo!” E ela saía correndo e fazia travessuras. Os dois irmãos que já eram adultos beijavam-na na testa antes dela ir dormir e os outros cinco irmãos que eram mais velhos que ela mas não eram ainda adultos também.

Hoje voltou-me a vontade de escrever porque está escuro e vai chover. É a agonia costumeira. Talvez por ser costumeira é irritante. Mas pelo menos me faz ficar vaidoso e escrever. É que nem se fosse a minha noiva. As noivas usam vestido branco por causa da tradição. A minha usa vestido preto de nuvens negras e chora o tempo todo lágrimas de tristeza. Ainda por cima o frio me faz usar cachecol e o cachecol é vermelho. Parece que vai chover. Eu queria dormir.

Mas o tempo passou e o sol e a lua surgiram várias vezes no céu e a chuva cobriu a floresta cheia de musgos e a terra com a sua umidade fascinante. Ela continuava a brincar. Mas depois o sol e a lua surgiram muitas vezes no céu e a chuva caiu muitas vezes sobre a terra e a floresta cheia de musgos de modo que ela não mais brincou. Quando eu digo que ela não mais

brincou quero dizer que ela não mais brincou como o fazia antigamente. Agora ela andava sozinha e triste e de vez em quando, QUANDO se lembrava de brincar esta lembrança a fazia primeiro estremecer, depois brincar mas a brincadeira saía incômoda (era como se fosse algo que a obrigasse a chorar) e com um novo sentido. (Quando falo em sentido não me refiro a um fim, a uma meta mas sim a um sentido intrínseco, momentâneo, que existe só enquanto existe a ação).

Ela cresceu conforme o tempo passava e ela se alegrava por causa desse seu crescimento. Ela ficou mais velha na medida das coisas e dos homens. Ela devia ter quinze ou dezenove anos. Não sei ao certo. As datas confundem e principalmente com estas pessoas que são diferentes das outras. Pessoas que sabem chorar.

Mas o caso é que ela sentiu desejo sexual e como ela amava o amor e tudo ela arranjou um homem que a possuiu. Isto é simples e tudo com eles era simples. Tudo com eles acontecia assim. Ele era jovem e os dois se amavam. Ele era esquisito porque era diferente de todos. Ele era diferente dela, dos pais dela e dos irmãos dela. Ele era magro e a tristeza que havia nos olhos dele era diferente da tristeza que havia nos olhos dela. Era uma tristeza que por vezes parecia desaparecer e no seu lugar ficava o nada. Ele um dia disse para ela:

— “A história do homem começa na desistência e no nada e acaba na desistência e no nada”.

E ela respondeu olhando para ele com os seus olhos cheios de tristeza vigorosa:

— “Eu sou forte e tenho herança. É necessário viver. Não sei por que mas é necessário nascer, viver e morrer. É necessário viver”.

E ele disse:

— “A maior desgraça foi nós termos perdido a nossa inocência e a maior desgraça ao mesmo tempo é que ainda a possuímos”.

E os dois se amaram. Ele era de qualquer lugar. Ele era diferente mas harmonizava com tudo.

Ele era diferente porque às vezes tinha o nada no seu olhar e isto era perigoso. Eles viveram muito tempo felizes. Foi quando aconteceu a desgraça. A desgraça foi súbita e repentina e o imprevisto foi a sua maior grandeza. Ela veio de repente assim como um urubu pousando sobre uma pedra numa praia cinzenta. É que os homens daquela terra haviam

determinado acabar com a raça de homens que tinham às vezes o nada no seu olhar e para isso andavam matando todos estes homens que tinham às vezes o nada no olhar. Todos os dias morriam muitos e tomados de pânico muitos fugiam para bem longe, bem longe. Foi assim que ela e ele fugiram da floresta escura de musgos escuros e foram para uma terra bem longe. Ela o amava muito e por isto fugiu com ele. Ela estava grávida de sete meses. Eles andaram muito e depois atravessaram o oceano e depois desembarcaram numa terra vermelha e distante da outra que haviam deixado atrás. Foi aqui que eu nasci e ela é minha mãe. Ele é o meu pai. Aqui não há florestas cheias de musgo mas há muitas casas e luz elétrica. Agora eu escrevo e ouço Rock e minha mãe está triste e nunca sorri. Quando ela sorri o seu riso é quase histérico e amargurado e isto me choca. Meu pai e ela já não têm muita significação para mim e isto é triste. Aqui eu finalizo a introdução.

## I

«Antigamente Deus estava morto  
agora nem isso mais existe”.

(Les Tricheurs — Marcel Carné)

“Acabou-se o frio e chegou o verão.”

O sono me atrai como única coisa concreta existente. Mas é um sono que não espera um acordar. Ele quer só dormir, desistir de tudo, fazer com que tudo desapareça no ridículo porque os movimentos da vida para ele são estúpidos e absurdos e quer que só ele o sono exista. Mas é a vida que me faz desejar, o sono e se eu não vivesse? De um lado este sono profundo e aniquilante e do outro a vida com suas poucas emoções. Ouvir Rock, ver a chuva, beijar uns lábios, deitar com uma outra carne na cama e sentir o sexo. Depois horas e horas de pensamento e desistência e ridículo e paradoxos e uma vontade louca de viver! Mas o sono me puxando poderosamente. Então eu ouço Rock e olho a chuva e penso no sexo. Depois tudo se mistura porque na verdade tudo isto existe misturado: o sexo, o Rock, a chuva e então eu durmo. Eu durmo e durmo e sonho em ritmo de Rock e vejo a chuva no sonho e o sexo sobressaindo em todos lugares. Sonhos agitados nos quais existe algo que eu esqueci de citar. Algo que

balança que nem uma bandeirinha vermelha em meio à chuva, ao sexo e ao Rock. É a infância. Será que o Rock, a chuva e o sexo não passam de infância e que só a infância presente exista? Só a infância presente existe! Lembrem-se disto: só a infância presente existe!

E eu quis pegar na enxada e trabalhar e ser como os pais de minha mãe e como os irmãos de minha mãe e como o meu pai (é que o meu pai apesar de viver mergulhado na desistência e no nada vivia cercado por coisas fortes. Tudo aquilo que o cercava era forte e por isto era possível a sua existência por meio do contraste. A terra e o nada.) Mas não dava certo. Eu pensava demais e a enxada eu a descobri tarde demais. Numa dada época a enxada teria sido o acontecimento certo. Teria sido a conciliação minha o ser humano com a terra. A união de dois elementos separados um do outro por forças estranhas e fascinantes. Agora não dava mais certo. A única coisa que eu tenho é a agonia. Agonia de querer me unir com a terra e saber que isto é impossível. Ter a certeza da impossibilidade disto e saber que a palavra impossível não existe porque tudo é indefinido. Então nasce o paradoxo. E daí a confusão que desespera porque não é confusão.

(Medo dos pensamentos profundos. E é por isto que vou tê-los.) Tudo isto cheira a desistência. Mas eu não desisto por vingança, ridículo, paradoxo. Eu quero viver para cuspir o mais possível na cara dos outros. E ao mesmo tempo na minha própria. Masoquismo? Existência autêntica? Até disto eu caço. Mas a chuva vem e ela é um entorpecente primitivo forte e é uma das poucas forças da natureza que ainda não abandonaram o homem. A chuva é minha irmã e quando eu ando na rua e ela cai em cima de mim nós praticamos o incesto.

Eu conheci uma menina. Ela deve ter quinze anos ou dezesseis. O nome dela é Isabel. Ela disse que me queria e eu a desejo porque a sua carne tem uma estranha semelhança com a minha. À primeira vista elas parecem diferentes mas olhando-as bem vê-se que o mesmo sensualismo emana delas. Eu queria possuí-la e o seu corpo tem que se esfregar junto ao meu. Talvez não seja só por isto que eu a desejo mas simplesmente porque: não tenho nada que fazer. As tardes e as noites são a mesma coisa e a única coisa linda é quando chove. Quando chove eu fico olhando para a chuva e a veneziana cinzenta que existe na janela do meu quarto se parece com a chuva.

II

A loucura de uma época não perdoa as loucuras de outra. Mas o certo é que eu tenho medo. Gosto de ter medo. O medo é que nem o calor. Por isto que eu gosto do verão. No verão quando eu era pequeno meus pais brigavam e eu tinha medo das brigas deles e do verão. Agora quando eles brigam eu não sinto mais medo: sinto apenas ódio deles e fico nervoso e meu estômago ferve. Mas do verão eu tenho medo. É um medo fascínio. Acho que o verão tem muita eletricidade no ar e as chuvas súbitas e negras que ele possui!

No verão eu ando e gosto de suar e pensar. Quem sabe eu encontro a Isabel andando por aí também. Depois eu volto do passeio e me deito na cama enquanto ainda é tarde lá fora e o sol está amarelo e vai virando vermelho e há muitas vozes na rua. Eu ligo o toca-discos e deitado na cama com a cabeça encostada no alto-falante do toca-discos eu adormeço ouvindo o mesmo Rock até a hora do jantar quando todo suado e com o coração batendo eu desço as escadas e vou jantar. Depois a noite existe e eu vou dormir. Ou então fico andando pelas ruas bonitas e cheias de árvores verdes onde existem casas de pessoas que eu conheço. Então eu olho estas casas e fico imaginando o que estas pessoas estão fazendo lá dentro. Quando existe uma festa numa destas casas eu fico olhando escondido atrás de uma árvore para a festa, para o brilho das luzes, e fico triste.

Mas eu encontrei a Isabel andando um dia por aí. Era uma tarde de sol e o sol estava em cima das manchas verdes da rua e que eram as árvores desta rua. Eu disse para ela:

— “Você está passeando e eu também. Tudo é inútil e as árvores desta rua parecem ser de vidro”.

E ela respondeu:

— “Vamos a um baile? Vamos dançar? Vamos viver? Vamos espantar a tristeza que sentimos e que me faz ficar com cara de estátua de cera? Vamos espantar o fúnebre?”

E eu respondi com nojo dela:

— “Você tem medo da tragédia misturada ao nada. E saiba que isto é a única coisa que existe: a tragédia misturada ao nada”.

Ela revirou os olhos e fingiu-se de enfastiada. Mas ela sabia que não

adiantava fingir mas continuava a fingir. Não quero mais discutir com ela. Não quero mais discutir com ninguém porque é inútil um entendimento. Além de ser impossível o entendimento é inútil. Ela olhou para mim e com aqueles lábios grossos que cheiram a sexo ela disse:

— “Você é o deus da chuva e da morte. Só fala nisso. Eu não sou mais tua”. E depois ela a-fastou-se cada vez mais de mim e sumiu lá no fim da rua. Acho que havia lágrimas nos olhos dela.

Depois eu fui para casa e me deitei na cama. Liguei o toca-discos e o Rock existiu. Eu fiquei alguns minutos sem olhar qualquer coisa definida. Depois pouco a pouco comecei a olhar a veneziana do meu quarto e ela é verde e cinzenta. Não estava chovendo mas eu olhava a veneziana e comecei a pensar no que ela me tinha dito: “deus da chuva e da morte”. Era um título dado a mim e eu comecei a separar as letras e a brincar com as palavras. Era bonito e triste brincar com as palavras e dizer: “deus da morte e da chuva” ou “da morte deus da chuva e” e assim por diante. Depois eu percebi tudo. Foi só aí que eu percebi tudo. Foi de repente que eu percebi tudo. A razão da vida está na tragédia e no misticismo sexual! E a tragédia e o misticismo têm a sua base no nada. Tudo isto me cansou. Mas eu adormeci por causa do sono e havia percebido tudo.

Lá fora escureceu porque veio a noite e eu dormi a noite toda com o toca-discos ligado. Durante a noite começou a soprar um vento frio estranho e diferente dos ventos de verão e que vinha de lugares distantes. Foi ele que trouxe a chuva e foi com a chuva que veio a tempestade.